

CORPO JUVENIL: DISSOLVÊNCIA E EXCESSO PELAS RUAS DA CIDADE¹

Shara Jane Holanda Costa Adad

*Só no delírio as bacantes recolhem
nas correntes água, leite e mel.
Não quando voltavam a si.”*

PLATÃO

Introdução

Observando as ações dos jovens de rua² em suas andanças e usanças pelas ruas da cidade de Teresina – PI, em pesquisa realizada de junho a setembro de 1999, muitas foram as dúvidas e as questões que invadiram meu corpo pesquisador: quanto pode um corpo juvenil proscrito? Quantos corpos cada um desses jovens carrega dentro de si? Como o corpo do jovem de rua expressa seu tempo e seu espaço? O que escapa? Quais as estratégias e os dispositivos utilizados na constituição dessa subjetividade juvenil? Este trabalho pretende esboçar o resultado parcial dessas reflexões ao mostrar que, ao contrário do que se pensa, uma galera de jovens de rua, proscritos, expressa em seu próprio corpo a multiplicidade enquanto experiência, momentos de potência e de exercício criativo de acontecimentos.

O corpo dissolvente

Jovem de rua e Dioniso – o solvente³ e o vinho – companheiros inseparáveis da dança, dos mistérios da noite, dos desejos mais profundos, dos encontros e dos prazeres.

¹ Este trabalho é parte de minha pesquisa de doutorado (em andamento).

² Chamo para fins de pesquisa jovens de rua, todos os jovens entre 12 e 18 anos que vivem perambulando pelas ruas de Teresina, estão distantes de suas famílias, não possuem trabalho e cometem algumas infrações. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente são jovens considerados em situação de risco social e pessoal.

³ Observei durante a pesquisa, que, embora os jovens de rua usem outros tipos de alucinógenos, o solvente é o que predomina. No **Dicionário Aurélio**, 1999, entre tantas definições, a que melhor caracteriza o “líquido transparente e de cheiro forte” que os jovens usam para suas ‘viagens alucinatórias’, é a do solvente como um “Líquido em que uma substância é dissolvida”. No caso, o solvente utilizado dissolve tintas de pintar paredes ou qualquer outra textura. Entretanto, nesta circunstância, a substância a ser dissolvida, a cada ‘cheiro’, é o do próprio corpo jovem de rua, daí a categoria **corpo dissolvente** – um corpo dissolvido, despedaçado, desorganizado, desmoralizado e dessacralizado.

Jovem de rua e sua embriaguez – sofredor dos mistérios – experimenta, em si, o dilaceramento do próprio corpo, o sofrimento da individuação. Tal qual o deus Dioniso, que foi despedaçado pela prepotência dos que abominavam a alteridade – os Titãs⁴, esses jovens, também não são compreendidos na diferença que expressam. Dissolvidos, atormentados, expressam potencialmente a paixão dionisíaca através do uso do solvente e de suas transfigurações. Na sua constante embriaguez, repudiam todo o sofrimento e dor em que vivem. Nessa existência, eles possuem, simultaneamente, a dupla natureza de um demônio horripilante e selvagem e de um soberano brando e benevolente. A esperança é a de que, mesmo possuindo corpos dissolvidos, despedaçados, esquadrihados, possam, ao cheirar o solvente, renascer na alegria, como que anunciando a morte da individuação. O nascimento de um terceiro Dioniso vindouro soa no bramir de uivos e delírios vindos dos bueiros, dos subterrâneos onde vivem e de onde emergem vertiginosamente. É assim, tragicamente, que o **corpo dissolvente** do jovem de rua, com suas dores e seus sofrimentos, dança brincante e combatente nas suas tentativas de ressurgir, mais uma vez, o Dioniso – unidade e alegria de um corpo em pedaços. É a alegre esperança de que o exílio, a solidão da individuação, possa ser rompi-da e a unidade de seu corpo seja restaurada.

Portanto, um **corpo dissolvente** é aquele que cheira solvente, e não outro. Um corpo que se movimenta excessivamente e se “dissolve no ar”, se faz, desfaz e refaz a cada enfrentamento com a polícia, a piedade, a violência, enfim, a morte. O solvente é o ritual que institui o “jovem de rua”, sua marca. Seu corpo se prepara para essa marca, pois não é qualquer um que pode ser jovem de rua, nem é de qualquer jeito que se cheira o solvente. Como, então, se cheira o solvente?

Enrolam a camisa de tal forma que a ponta fique durinha. Nela colocam o líquido que, normalmente, está em um frasco de água mineral descartável ou em um com formato de “spray”. Derramam no pano e, depois, cheiram pelo nariz e boca. Friccionam ao máximo. O nariz, às vezes, chega a sangrar e os lábios racham. Cheiram sofregamente até o cheiro evaporar e, nessa hora, quem está com o frasco (apenas um fica com ele) começa novamente a re-distribuir. Os outros jovens saltam de onde estão, deixam o que estão fazendo e chegam perto com os braços estendidos, panos embolados, rostos ansiosos por mais. Quem distribui sabe a quantidade. Serve os maiores, depois os menores. Quem ganha o direito de distribuir? Segundo um dos jovens, quem tinha o dinheiro para comprar. Ele é o dono, mas, todos têm o direito de cheirar.” (diário de campo, 31/agosto/1999).

⁴ Ver Nietzsche, 1983, p. 9-10 sobre o nascimento e o dilaceramento do corpo de Dioniso pela fúria dos Titãs e toda a analogia que o autor faz do fundamento da individuação social com a mutilação desse corpo e a esperança de restauração da unidade perdida pela força de um terceiro nascimento de Dioniso, através da arte.

O solvente traz a desmesura, o lúdico, o êxtase – sentimentos que os tornam equilibradas no palco da vida e trazem uma experiência que rompe com a individualização e se reconcilia com a natureza e com os outros homens. Em vez de autoconsciência, o solvente traz a desintegração superficial do eu, pois a emoção vivida abole a subjetividade até o total esquecimento de si; em vez de medida, há a eclosão exultante da alegria, no sofrimento e no conhecimento; em vez de delimitação, calma, tranqüilidade, serenidade, há um comportamento marcado por vertigens, enfeitiçamentos, extravagâncias de frenesi sexual, numa bestialidade natural constituída de volúpia e crueldade, de força grotesca e brutal; em vez de sonho, visão onírica, há embriaguez, experiência orgiástica que os faz esquecerem os valores do mundo apolíneo.

A experiência da embriaguez produz, enquanto dura, um efeito letárgico. Um efeito que dissipa tudo o que foi vivido no passado: é a negação do indivíduo, da consciência, do Estado, da Civilização, da História. Metamorfosados de sátiros e silenos seres da natureza e protótipos do homem verdadeiro – aquele que consegue conciliar homem/natureza – esquecem que são jovens de rua estigmatizados e se sentem próximos da natureza. Os “loucos de dioniso” – os jovens de rua embriagados – enfrentam, desse modo, a morte. No “aqui e agora” dos acontecimentos e num incansável ir e vir criam mecanismos, estratégias que acionam seus corpos com a sua sujeira, sua dor, sua fome. São “fugas desejantes” de um corpo que consegue jogar com algumas das peças dessa grande forma que é a cidade. São hábeis em utilizar suas potencialidades. Conhecem-nas como poucos, andam por espaços, escondidos como se fossem pequenas baratas, pois conseguem enveredar por lugares sombrios e escuros e, ao mesmo tempo, quando afugentados, correm assustados fazendo aparição na luz, exibindo seus corpos frágeis, que se mostram, contraditoriamente, fortes, heróicos por sua agilidade, estratégias e expressões más.

E é nessa constante tensão, entre um mundo e outro, que o jovem de rua vai vivendo o duplo como lhe convém – diz o que querem que ele diga, mas faz o que o seu desejo lhe indica, como que emaranhado na rede da vontade individual. Muitas vezes, quando estava entre eles, notava essa duplicidade quando externavam o considerado “politicamente correto”, tentando passar uma imagem de jovens pudicos e “inocentes”. As poses, no momento das fotografias⁵ evidenciavam a preocupação com a imagem, como eles mesmos pediam: “Shara, não deixa aparecer a tatuagem”, “não quero aparecer descalça”, “Deixa, eu tirar com teus óculos escuros”, ou então, as vezes em que lembravam a hora de eu ir embora: “Shara, tá tarde, esses meninos tão muito saliente”. Mas tudo isso só acentuava os rituais próprios e exclusivos do grupo, como aconteceu no que chamo de *O dia do picolé*. Deixemos o diário de campo ilustrar esse instante:

⁵ Em toda a pesquisa foram produzidos dados fotográficos no intuito de subsidiar a ampliação descritiva dos diários, bem como identificar marcas, adereços, posições e gestos nos corpos juvenis.

Sentados pela calçada, no chão, sob os papelões ou em pé, eles chupam o picolé. O Picolé desmancha pelas beiradas da boca e escorre corpo abaixo. O corpo parece extensão do alimento e dos outros corpos, pois, como que em dança, numa coreografia sem limites, eles começam a se roçar passando as mãos sujas uns nos outros. Tudo emana prazer e o sujo, o imundo, invade seus corpos. Em delírio, a gargalhada ecoa. Movimentam-se com uma certa cadência: agacham-se, acotovelam-se, atropelam-se e agarram-se por trás. Cheiram solvente. Os olhares, as mãos, as pernas, os risos envolvem a cena e aqueles corpos (diário de campo, 24/agosto/1999).

Assim, tocando uns nos outros, eles anunciam expressões faciais e corporais que denunciam a prática de uma conduta sexual, de uma vivência orgiástica. Nesta cena, eles intensificam a vida, resistem ao sofrimento e se esquecem de si ao expandirem, sofregamente, as alegrias da noite e da orgia no escuro. Cheiram solvente como se fosse possível sugar o instante, parar o tempo no último momento. Tentam fugir de dentro de si mesmos e, no vício de viver, buscam arrebentar o molde interno determinado pelo leito de Procusto. Parecem roçar a morte, destruindo o organismo organizado e transformando-o em suporte para uma organização ritual. Horror, espanto, choque: a extrema violência de agredir o próprio corpo, alterar a composição humana, desfigurar-se e revestisse de outra humanidade, que não tem fixidez, nem nome e que a cada “cheiro” se dissolve e se constitui novamente. “Um corpo sem órgãos”⁶ é constituído, não mais de um “organismo” arrumado, fixo, significado e significante. Toda essa dissolvência pode parecer o desejo de morte, mas a todo momento eles reinventam a vida, abrem seus corpos para outras conexões que supõem agenciamentos, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações.

Um jovem de rua é sempre o mesmo e também não o é. Ora ele assume seu nome ora pode tornar-se o gato, o rato, o diabo, a caveira, o fantasma... E é o solvente que possibilita essas transformações, essas “viagens”, “máscaras” que não representam nem o jovem de rua e nem o delírio, mas o que se passa entre eles, que é o devir⁷ – um curto-circuito eletrizante, como este que presenciei:

⁶ Para Deleuze e Guatarri, 1996, p. 9, um corpo sem órgãos não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite.

⁷ A noção de devir, segundo Janice Caiafa, 1989, p. 88, é pertinente antes de tudo “porque acredita no visual, aposta no bicho, não duvida do olho muito mais rasgado que o ‘normal’; e em seguida porque o que se tem antes de tudo quando se examina uma prática social concreta não são indivíduos, mas experiências, funcionamentos, participações, exercícios que se apoiam uns nos outros, de que podem emergir indivíduos ou bandos, punks com nomes de bichos como efeitos momentâneos nessa atuação.

Ajax.⁸ viaja. Visivelmente seu corpo se prepara para ser outra coisa que não mais o jovem com lábios rachados e inchados, os dentes cariados e faltosos, o corpo mal-tratado, ferido, dilacerado, fragmentado em pedaços que possui. Não tira o pano do nariz e da boca como a sorver o líquido transparente – o solvente – além do que ele realiza. Caminha de um lado a outro da calçada, numa inquietude sem limites. Separa-se dos demais e, sozinho, ri alto. Seu corpo dobra para frente, seus ombros arqueados ajudam a perna a levantar-se e a segurar o peso do resto do corpo, vislumbra-se uma pose, um bicho, quem sabe um jaguar. A perna cai, o corpo vai para frente e ele corre, rindo alto, quase num grito.” (diário de campo, 6/setembro/1999).

O corpo do jovem parece despojar-se de toda a sua dor e tornar-se vazio e, por uma fração de segundos, é como se este corpo oco fosse preenchido pelo prazer. Observa-se que a cada vez que esse desejo é traído, amaldiçoado, arrancado de seu campo de imanência⁹, é porque há um padre, um policial, um professor ali. Para estes, os desejos desses jovens de rua são entendidos como “faltas”: ele “cheira” porque lhe falta casa, mãe, pai, comida, carinho. Podemos indagar: quem tem tudo isso, não sente falta?

Fugitivos ou expulsos da ordem da família e do trabalho, muitos desses jovens vêem-se arrastados à ‘marginalidade’ não só por imperativos de sobrevivência, mas, também, por extravagâncias e possibilidades de transgressões perversas à sociedade policialesca que os cerca. Onde, então, acaba a necessidade e começa a vontade (ou o desejo ‘inconsciente’)? É difícil demarcar o plano psicológico individual. Portanto, entre a intenção e o gesto não há relação de causa e efeito, pois, no agenciamento coletivo¹⁰, tensores como afeto e interesse, acaso e cálculo costumam mostrar-se inextricavelmente ligados. Em todo caso, a miséria e a desigualdade social são vistas como resultado do processo de expropriação e atomização juvenil. Mas, será que o

⁸ Objetivando dar anonimato aos jovens, bem como causar talvez um efeito brincante, estético, momentâneo substituo seus nomes por outros, de heróis gregos, não existindo pois nenhuma identificação entre uns e outros. No caso, **Ajax** tem 13 anos, é alfabetizado e é um dos que mais chora quando sofre agressões, inclusive dos próprios jovens do grupo.

⁹ Ver Gilles Deleuze,, 1996, p.22. O autor fala desse campo de imanência que está ligado ao corpo sem órgãos. “O desejo implica, sobretudo, a constituição de um campo de imanência ou de um “corpo sem órgãos”, que se define somente por zonas de intensidade, de limiares, de gradientes, de fluxos. Esse corpo é tanto biológico quanto coletivo e político, é sobre ele que os agenciamentos se fazem e se desfazem, é ele o portador das pontas de desterritorialização, dos agenciamentos ou linhas de fuga.”

¹⁰ Para Barembliit, 1998, p.151, agenciamento é uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos, atualiza virtualidades e inventa o Novo Radical.

desejo não permanece mesmo quando o corpo é mexido, esfacelado e dissolvido? Necessário se faz capturá-los na sua verdade: na dança dos pequenos furtos, nas cerimônias e na magia de inalação de solvente, práticas que lhes conferem inscrições de si, itinerários de liberdade. Senão vejamos:

*Ariadne*¹¹, com o frasco de solvente na mão, é envolvida, cercada. Ela divide o solvente com todos. Vai colocando em cada um dos panos que se estendem até ela. Os panos parecem ganhar vida naquelas mãos estendidas e ávidas por mais droga... Naquele instante, suas mãos, segurando um pano sujo, tornam-se o único desejo. Desejo dilacerante, mortal, mas, paradoxalmente, cheio de vida, pulsante. Tanto faz que o mundo acabe logo em seguida... aquele é o desejo... o solvente e o grupo reunido ... festa, solvente e orgia. (diário de campo, 24/agosto/1999)

A paixão e a liberdade – grandes desejos – transformam a vontade em potência, em alegria. E o solvente, elemento vivido para suprir suas faltas, torna-se uma zona de intensidade pois é uma marca, uma zona sobre um corpo sem órgãos. (Deleuze e Guattari, 1996, p.17). É cheirando o solvente que as intensidades passam e eles se lançam a desafios, fazem com que não haja mais nem *eu* nem o *outro*, pois não são nem cópia nem modelo dos bichos, nomes ou marcas que desfilam. Nesse caso, fazem circular o simulacro, de tal modo que

...na desconstrução da figura humana que (...) realizam no visual (e nos seus nomes: nomes e as marcas), eles não copiam o bicho, o guerreiro, mas entram numa série em que eles entram também e onde se comunicam transversalmente numa relação indefinida e reversível, isto é, múltiplas possibilidades de relação (Caiata, 1989, p.88).

Nesse instante, positivities são constituídas, e o corpo passa por experiência de funcionamentos, exercícios, participações, apóiam-se uns nos outros, ora indivíduo ora bando. Verdadeiros dionisios enlouquecidos, os jovens de rua expõem toda a loucura, a miséria e a sensualidade de seus corpos quase desnudos, devassos, no meio da rua. As ações que somente devem ter evasão em espaços reservados das Febem's, das casas de convivência, dos hospitais e manicômios, e, às vezes, no espaço privado da casa estão bem diante de todos, tudo explícito nos meios-fios das calçadas, nas marquises das lojas, nas vias públicas, enfim, no meio do mundo.

¹¹ *Ariadne* é a única jovem do grupo, possui 16 anos, é franzina, alegre e muito calada. Dizem ser namorada do *Teseu*., inclusive possui o nome dele tatuado em seu braço. Seu companheiro predileto é o *Odisseu*..

E entre no meio, ao lado dos espaços usados, o **corpo dissolvente** enlouquece. **Aquiles**¹² enlouquece. **Ajax** enlouquece. Enlouquecidos, estão fascinados pela morte, pelo limite entre viver e morrer. Os outros jovens não se assustam. A loucura não assusta, ao contrário, ela é acolhida, pois é o corpo destruído que se une à natureza em um total exílio dionisíaco. E essa destruição é um dos perigos de se afogar no Dioniso puro, pois, ao experienciar a emoção, o êxtase e o esquecimento de si, os sentimentos de pesar, de desgosto pela existência, o sentimento de que tudo é absurdo, impossível, retorna no recobrar da consciência, e isso faz o jovem de rua compreender a ilusão em que vivia ao criar um mundo de beleza justamente para mascarar a verdade. A visão da essência eterna e imutável das coisas faz com que ele desista de agir e construir uma civilização. Nesse sentido, a experiência dionisíaca é uma 'embriaguez do sofrimento' que destrói o belo sonho – é um veneno que aniquila a vida. (Machado, 1990, p. 27).

Corpo excessivo

Em sendo assim, como o viver imerso nas ruas da cidade delimita o corpo de um jovem de rua? Como seus gestos, ações, sentimentos e “quase” ausência de palavras exibem todo o poder de exercitar a rebeldia que traga a juventude deste final de milênio? É um não fazer nada, dormir na hora que se quer, brincar muito, a todo momento. É o instinto que pode executar e trazer o prazer aos atos mais simples e banais do dia-a-dia, como comer... comer com as mãos, com o corpo todo, tragar o alimento com delírio, como se aplacasse a fome de tudo, de vida! De modo excessivo¹³, no palco das ruas, os acontecimentos afloram, como este que vivi entre eles:

De repente, escutei gritos saindo da rua ao lado (...). Todos correram para onde os outros estavam. Encontravam-se uns sentados no chão, outros nos degraus da escola, outros de pé. Um papelão grande no centro da calçada estava coberto de picolés. Ao lado, alguns meninos remexendo na cesta do lixo em busca de utensílios para botar a comida. Devoravam tudo. E faziam isso agarrando o alimento pelo meio. Até chegar à boca, o picolé escorria pelos dedos, mãos, bra-

¹² **Aquiles** 17 anos, é muito calado, possui um olhar distante e ensandecido, passou vários dias tentando se matar.

¹³ Observei durante a pesquisa que os jovens de rua expõem seus corpos pelas ruas da cidade na forma de um grande espetáculo. No *Dicionário Aurélio, 1999, entre tantas definições as que melhor caracterizam essa excessividade é “aquilo que excede ou ultrapassa o permitido, o legal, o normal”; “sobra, sobejo”; “redundância” e “desmando”, daí a categoria corpo excessivo – um corpo que ultrapassa o normal, o comedido e que em sua redundância age desmesuradamente.*

ços e roupas. Caía no chão e, em instantes, apanhavam e levavam à boca. Chupavam os dedos sujos com prazer. Sentados, alguns deleitavam-se com o alimento dado, inesperado. “– Quem deu?” Perguntei. “– Sei lá, foi um homem que parou o carro, abriu a traseira e dentro tinha um isopor cheio de picolé e mandou a gente tirar o que quisesse”. No mais, não sabiam, nem interessava saber quem era o homem (diário de campo, 24/ agosto/1999).

Aliás, percebo que as pessoas, as coisas, os espaços e o tempo parecem ganhar outra dimensão entre eles. O que importa são os encontros como os nossos, a reposição do solvente, roubar alguma coisa, arrumar comida, caminhar de um lado para o outro, não fazer nada e ter o tempo pontual dado ao acaso. Acaso, inclusive, que gera acontecimentos como aquele, que os fazem, na hora, resolver o que fazer – onde sentar, onde colocar o alimento, como dividir – tudo em cima da hora... sem planejamento, mas que provoca ações propositivas. Picolés nos copos, no chão, em cima do papelão. A lixeira, ao lado, é parte da cena, lugar de muitos utensílios que são utilizados: uma caixinha de chocolate vazia é o lugar para colocar o picolé; o papelão serve de mesa, de prato, as mãos também, enfim, as coisas passam a ganhar significado no instante mesmo da necessidade.

Toda essa encenação não seria uma expressão, um modo de existência peculiar, sociabilidades e agenciamentos desejantes gestados nesse viver na rua? Não seria um modo dissidente de viver que antecipa um outro ordenamento social? Os becos, as ruas, as praças não seriam terrenos propícios para a emergência dos agenciamentos sociais subterrâneos? Penso que, ao sair do bueiro, os jovens de rua fazem eclodir forças dionisíacas e, com seus **corpos**, única arma, lutam contra a ordem titânica da Cidade Conceito (Certeau, 1994, p. 174). Contestam um lugar, ou seria um não lugar? A contestação, em ato, provoca na cidade indiferente, e que espera deles que se calem, pelo menos, um despertar, um certo mal-estar, pois escandalizada constata que:

...eles não se integram; eles não aceitam tudo com a gratidão que era de esperar – pelos menos sem se debater, sem sobressaltos, aliás inúteis, sem infrações ao sistema que os expulsa, que os encarcera na evicção. (...) eles têm a indecência de não se integrar! (Forrester, 1997, p. 58).

E, em guerra, eles resistem e inventam outras formas de viver, próximas à fúria, à sabedoria e à alegria do Dioniso. E é no confronto que marcas são inscritas sobre a superfície dos seus corpos. Corpos elaborados, onde marcar o corpo, furar o corpo, tatuar o corpo, ferir o corpo, sujar o corpo faz parte de um ritual onde se tornar jovem de rua é possuir um corpo trabalhado, preparado e transtornado. O corpo individual é o local do *ethos* do grupo, e a

tatuagem expressa a marca do coletivo. Um exemplo, é a que **Teseu** carrega no tórax com o nome de todos os meninos no seu próprio corpo, e que, segundo ele vai atualizar e colocar os nomes novos, dos meninos que estão chegando e se tornando um igual a eles. A tatuagem, então, é um sinal de reconhecimento quase obrigatório, uma marca, uma zona, uma fronteira que pode indicar a separação entre o jovem iniciado e um outro jovem qualquer da cidade; por isso, é uma esfera de comunicação, pois um grande segredo é compartilhado e pertence ao grupo. Um **corpo excessivo** e veloz, que, com uma tatuagem – marca perene – parece querer gravar para a eternidade quem é e foi um jovem de rua.

Normalmente, um jovem de rua possui muitas tatuagens, e quem já fez uma quer fazer mais, pois sempre nos mostram outros lugares onde irão inscrever outras, ou, então, a mesma tatuagem pode ser ampliada, como é o caso do jovem citado anteriormente. Essa performance indica mais um paradoxo, qual seja, a de que mesmo uma marca fixa como é a tatuagem parece modificar-se, andar conforme o movimento, o aprendizado, a destruição e construção do **corpo excessivo** nas suas caminhadas pela cidade. O estudo de Glória Diógenes mostra que este processo de ampliação é chamado de ‘aperfeiçoar’ uma tatuagem pelas gangues de Fortaleza, como se a mesma fosse um texto incompleto. Nesse caso, segundo a autora, as tatuagens possuem uma função: “de falar por imagens, seguindo o curso da vida (...)”. (1998, p.193)

Uma outra estratégia de identificação de um jovem de rua é a sujeira. Eles possuem corpos excessivamente sujos, resultado de uma forma que ordena um número infinito de combinações onde se reconhecem e são reconhecidos. Olhares extasiados, alucinados, narinas inchadas e lábios rachados, esfolados e queimados devido ao uso ininterrupto do solvente. Roupas sujas, cabelos desalinhados, pés descalços, andar trôpego, vozes embriagadas, pernas ágeis e, normalmente, machucadas. Tudo ali no corpo, toda a dor, o massacre e a sujeira em seu **corpo excessivo**. Lembro, o dia em que

Ariadne tinha ido tomar banho. Eis que surge toda limpa, com roupas asseadas, cabelos molhados, calçada com chinelas, cheirando a 'leite de rosas' e, para completar, ainda me pede perfume. Tudo isso trouxe reações entre os jovens que a cercaram, beijaram seu rosto, abocanharam seus seios, passaram a mão onde podiam. Ariadne reagia como podia, aborrecida. Eles pareciam não reconhecer nela, naquele corpo limpo, a jovem de rua. Seu corpo deixara, momentaneamente, toda a sujidade de ser integrante do bando. (diário de campo, 6/setembro/1999)

“Selvagens” sem selva, estrategicamente imprevisíveis, contraditórios e arriscados, os jovens de rua aprendem com os outros iguais a viver permanentemente numa situação-limite ou num duplo jogo que permite apreciar os atos e todas as situações anódinas que constituem o dia-a-dia, no seu valor

próprio, como se pudessem exprimir, ao máximo, a vida através da teatralização excessiva de seus corpos. É um estado de “selvageria”, marca não de uma identificação, porque as identidades primeiras não são preservadas, mas muito mais de um anonimato, de anulação do rosto, destruição da anatomia do corpo. Não é à toa que eles mudam de nome, diferenciam-se e transfiguram-se logo após o ingresso no grupo. Portanto, como o animal é sempre malta,

...um lobo só já são muitos, salvo se ele é domesticado por um tratamento que neutraliza sua estranheza e faz dele um igual. Assim, a animalidade é um exercício que pode ser atualizado a nível das organizações sociais. As maltas humanas enquanto organizações específicas passam por essa selvageria, e é nesse sentido que se pode pressentir uma alcatéia no deserto” (Caiata, 1989, p. 88).

Penso que, desse modo, podemos falar de uma galera de jovens de rua como bando, pois um jovem de rua já são muitos, visto que materializam em seu corpo, assim como o deus Dioniso, uma pluralidade de figuras em sua aparição alegórica – expressões próximas aos signos da cidade infernal (Nietzsche, 1983, p.10).

Nesse sentido, quando eles aparecem na rua, trata-se não apenas de máscaras, fantasias que se apresentam em cena, mas de uma estratégia. Não é apenas a brincadeira, nem a paródia, é um desafio por simulação. Não há nada por trás, a estranheza e o exagero externam o sentido ao absurdo, até o desaparecimento de uma dor, de uma tragédia porque não é mais a cópia e o modelo, mas a circulação de simulacros que desdobra a repetição numa situação não-hierarquizada em múltiplas possibilidades de relação que deflagram experiências limítrofes entre a vida e a morte.

Imagem exposta, publicização dos seus corpos feridos, marcados e sujeitos, entre infinitos e emaranhados fios e linhas de fuga, a brincadeira é frequente. É a estratégia desmedida, lúdica e excessiva que utilizam nas relações com os de fora... os estrangeiros. E, assim, como leves e embriagados Dionisos, os jovens de rua saem de suas “covas” para anunciar a falência de toda a corporalidade. Sombras “satânicas” que não aceitam a normalização “divina”, mas que, paradoxalmente, continuam perseguindo o reencontro e a reunificação com a metade dividida, quando adentram a esfera pública ruidosamente. Brincando muito com tudo e todos, eles tentam essa identificação, mesmo que momentaneamente, ao se apropriarem de bens simbólicos significativos e atuais, pertencentes à esfera social mais ampla, como por exemplo:

...eles pegam meu 'celular e fingem falar ao telefone. É uma farrá! Passam de mão em mão. Pedem para ligar para uma amiga... Falam alto, riem aos borbotões. Afoitos, gritando sempre, com dedos sujos e unhas quebradas, escuras, agarram o aparelho bruscamente, quase caindo das mãos. Mais uma vez brincando, colocam na cintura,

saem, desfilam pelo posto de gasolina e, na luz, encenam como se o mesmo fosse deles. Aparecem, chamam atenção sobre si e sobre o 'celular'. Transitam, passam entre os carros e pessoas como senhores da rua, sem constrangimento. Andam para cima e para baixo, mexem uns com os outros, tentando arrancar do outro o aparelho, esmurram-se e xingam-se muito. As pessoas, ao redor, olham assustadas sem acreditar no que vêem. Eles retornam o olhar com indiferença. O estranhamento perpassa a cena. E eles riem, riem de tudo isso..." (diário de campo, 24/agosto/1999).

Considerações Finais

Desse modo, rir, falar alto, gritar, chocar, esmurrar-se, cheirar o solvente, esfoliar-se, sujar-se, marcar-se, machucar-se, tatuar-se são imagens falantes, imagens fantásticas que nascem do mais singular delírio desses jovens e os fazem "detonar" o que estava oculto nas entranhas da cidade, como um segredo, como uma inacessível verdade. Nesse caso, nessa tentativa de ganhar visibilidade, de romper com a indiferença violenta e feroz do estigma territorial que os tornam continuamente proscritos do reino da cidade, eles apresentam não apenas a superfície das coisas, mas, também, que o fosso territorial é tão imenso que parece obstruir a possibilidade mesma de uma linguagem comum. Isso é propriamente o "apartheid social" (Telles apud Diógenes, 1998, p. 51)

Efetivamente, na prática, essa des-territorialização produzida na dinâmica segregadora da urbe torna-se, através da formação das galeras de jovens proscritos, uma tentativa de viver um modo avesso de re-territorialização. Diógenes afirma "então que o estigma territorial, marca classificatória, produtora de uma invisibilidade negativizada, mobiliza os jovens segregados (...) a 'positivar' tais referentes" (1998, p. 41).

Assim, marginais por atuação, em plena rua, geograficamente definidos antes mesmo de nascer, reprovados de imediato, eles, os estrangeiros em suas próprias casas, tornam-se os 'bárbaros modernos'¹⁴ por excelência, considera-

¹⁴ Michel Foucault, 1999, pp. 233-235 problematiza a noção de bárbaro. "O bárbaro se opõe ao selvagem, mas de que maneira? Primeiro nisto: no fundo, o selvagem é sempre selvagem na selvageria, com os outros selvagens; assim que está numa relação de tipo social, o selvagem deixa de ser selvagem. Em compensação, o bárbaro é alguém que só se compreende e que só se caracteriza, que só pode ser definido em comparação a uma civilização, fora da qual ele se encontra. Não há bárbaro, se não há em algum lugar um ponto de civilização em comparação ao qual o bárbaro é exterior e contra o qual ele vem lutar. (...) Não há bárbaro sem civilização em que ele procura destruir e da qual procura apropriar-se. O bárbaro é sempre o homem que invade as fronteiras dos Estados, é aquele que vem topar nas muralhas das cidades. (...) Ele só surge contra um pano de fundo de civilização, contra o qual vem se chocar. (...)"

dos bandos sem lei por exercerem todo o fascínio e o poder de se apoderarem e destruírem a cidade que os abomina. Seus **corpos excessivos** seriam uma forma de apelar para a dimensão esquecida da esfera pública, especialmente entre os jovens, qual seja: a idéia de liberdade e de reconhecimento no coletivo do grupo. Denunciam tragicamente suas diferenças e, por fim, instituem códigos específicos, próprios sobre o que deve ou não ser. Em suma, em uma sociabilidade excessiva, os jovens de rua instauram uma forma dionisíaca, onde esses indivíduos agrupam-se em formas específicas de ser com e para um outro. Ao brincar, dançar, gritar, sorrir, jogar e transfigurar seus corpos, os jovens transformam suas vidas trágicas em epopéias – grandes espetáculos.

Referências Bibliográficas

- BAREMBLITT**, Gregório. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1998.
- CAIAFA**, Janice. *Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- CERTEAU**, Michel. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. 4 ed. RJ: Vozes, 1994.
- DELEUZE**, Gilles. Desejo e Prazer. *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo, v.1, n.1, p. 13-25, jun. 1996. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.
- DELEUZE**, Gilles; **GUATTARI**, Félix. 28 de novembro de 1947: Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil Platôs*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).
- DIÓGENES**, Glória. *Cartografia da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento Hip Hop*. São Paulo: Annablume, 1998.
- DICIONÁRIO AURÉLIO**. 3. ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999
- FORRESTER**, Viviane. *O Horror Econômico*. São Paulo: UNESP, 1997.
- FOUCAULT**, Michel. Aula de 3 de março de 1976. In: *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LEÃO**, Andréa B. *Uma Casa de Meninos e Meninas no "Coração de Jesus"*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFC, 1993. Mimeo.
- MACHADO**, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. Rio de Janeiro: Graal: São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- NIETZSCHE**, Friedrich. O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música. In: _____. *Obras Incompletas*. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.